



Prêmio Reconhecimento ADUNICAMP 2021

MEMORIAL

Categoria: Arte e engajamento social e político.

Proponente: Marco A. C. Bortoleto

Campinas-SP, Novembro, 2021.

IDENTIFICAÇÃO

Marco A. C. Bortoleto - Professor Doutor do Departamento de Educação Física e Humanidades (DEFH) da Faculdade de Educação Física da Unicamp
Coordenador do Grupo de Pesquisa em Circo (CIRCUS)

Contato: bortoleto@fef.unicamp.br

APRESENTAÇÃO

Estamos vivendo tempos “sombrios”, como alertou Bertold Brecht outrora, e seguir adiante tornou-se um desafio muito mais árduo do que todos desejamos, mas tão ou mais necessário que nos piores momentos da nossa história recente. Os negacionistas e seus negacionismos alçaram suas vozes como há muito não víamos, provocando enorme corrosão da vida, individual e coletiva. Nesse nefasto contexto pesquisadores-as, professores-as e os-as artistas vem enfrentando uma tenebrosa e amarga experiência, a de sobreviver.

Esse lamento, claro, não basta. É preciso resistir! E foi buscando a dignidade que redundantemente afirma o filósofo finlandês Pekka Himanem, que orientei grande parte de minhas ações dentro e fora da Unicamp, no ensino, na pesquisa, na extensão. Foi, entre as gretas que encontrei nas paredes que nos circundam, que construí (ou melhor, construímos) uma importante ação no campo da arte do circo. Uma ação que, sem duvidar, revela nosso engajamento social e uma militância ativa e constante em prol da arte, da educação e de uma linguagem que por séculos permaneceu à margem da universidade: o circo.

Existindo, pois, sob a potencia da resistência, da ação e da transportação, gostaria de destacar, por razão desse prêmio, algumas das ações arquitetadas e coordenadas por mim em favor da arte e, mais precisamente, daqueles que transitam na cultura popular, seja na sua perspectiva clássica

ou contemporânea, entre a virtuose ou a poética, entre a hiper-visibilidade e o apagamento. Enfim, entre tod@s @s fazedor@s do CIRCO.

Embora essa ação seja produto de mais de 20 anos de trabalho, 16 deles na UNICAMP, me concentrarei nos últimos anos (2016-21) como indica o edital. Tentarei, ademais, articular minha experiência como público, artista, pedagogo, pesquisador e, também, construtor de novas esperanças. Uma articulação que, em seu conjunto, revela uma luta pelo respeito e reconhecimento que a arte do picadeiro merece. Por conseguinte, o engajamento social, comunitário e político tornou-se um hábito, por vezes um empreendimento sutil, em outras uma militância ruidosa.

Concretamente irei apresentar às seguintes ações: a produção de uma universidade mais sensível e permeável ao circo; defesa da Escola Nacional de Circo, fortemente ameaçada pela atual política de estado; re-organização das políticas públicas de editais; mobilização universitária e fortalecimento institucional; aproximação e valorização do circo social¹.

1. A produção de uma universidade mais sensível e permeável ao circo

Embora o circo venha inundando o território nacional, todo ele, e também tenha adentrado no mais profundo sentido do imaginário social brasileiro, essa tão popular arte não conseguiu adentrar os espaços universitários como outras linguagens conseguiram. Mostramos isso, por meio de uma tese de doutorado (Duprat, 2014), e também a enorme relevância do circo econômica, estética e artisticamente para nosso país, que a mesma recebeu uma menção honrosa pela CAPES. Mas ainda assim, seguíamos vendo uma enorme distância entre o circo e a universidade.

¹ Manuel Castells; Pekka Himanen. Reconceptualizing development in the global information age. Oxford : Oxford University Press, 2014.

Manuel Barros: <https://www.escoladeescrita.com.br/uma-didatica-da-invencao-de-manoel-de-barros/>
Berthod Brecht: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Aos-que-virao-depois-de-nos/12/7490>

Eu já sabia disso muito antes, por isso, desde que cheguei na Unicamp, em 2006, decidi firmemente mudar essa realidade. A criação de uma disciplina na FEF, a coordenação do único programa Artista-Residente em Circo da Unicamp até hoje, a implementação de projetos de extensão que atendem centenas de pessoas semestralmente, a organização de dezenas de eventos – muitos deles internacionais, bem como a publicação de diversos livros e mais de 50 artigos científicos nessa temática; constituíram-se as armas para nós querermos o acadêmico.

A disciplina de graduação que criei na FEF em 2006 (EF962) recebe anualmente alunos das mais diversas unidades da UNICAMP (IA, FCM, IEL, FE, ...), mostrando que a inter-transdisciplinaridade é possível e potente.

A consolidação do Grupo de Pesquisa em Circo (CIRCUS) entre os mais ativos e relevantes da América-latina não somente voltou o olhar dos artistas e das entidades (privadas e públicas) para a Unicamp, mas nos trouxe ainda mais responsabilidades. E, não nos sentimos intimidados, pelo contrário, trabalhamos ainda mais e os frutos continuaram aparecendo. Firmamos 2 convênios internacionais, um deles com a Escola Nacional de Circo do Canadá, uma das maiores referências mundiais no setor, e outros vários convênios nacionais, com a Escola Nacional de Circo (Gov. Federal), com prefeituras como a Prefeitura Municipal de Franco da Rocha, com ONGs como o Instituto de Incentivo à Criança (ICA – Mogi Mirim-SP) e a Escola Castanheiras (Santana do Parnaíba-SP). Assim, cada uma das ações foi multiplicada, alcançando a educação básica, principalmente a pública, a educação superior, os processos desenvolvidos no terceiro setor e também a educação artístico-profissional.

Como é possível ver nessa web, a produção foi calcada na experiência produzida dentro e fora da Unicamp, de mãos dadas com muitas pessoas/organizações. Mais de 15 mil livros foram vendidos, além de ter

liderado a elaboração de materiais didáticos para o Governo Federal (Programa Segundo Tempo / Arte na Escola), de ter participado da elaboração do Projeto Político Pedagógico da Escola Nacional de Circo, necessário para o reconhecimento do título profissionalizante em 2016², e do acompanhamento de inúmeros projetos de circo social que, como esclarecerei mais adiante, impactaram milhares de crianças e jovens em todas as regiões do Brasil³.

Dentre as ações recentes que podem ser destacadas, está a formação continuada realizada em fevereiro de 2020, semanas antes da instauração da pandemia, para 150 professor@s rede pública de educação básica. Ao longo dos anos, milhares de educador@s acessaram cursos coordenados por mim e que envolveram dezenas de estudantes/funcionários da Unicamp, sendo impossível dizer quantas cidades/escolas/pessoas passaram a visualizar a potencia do ensino do circo no contexto educacional. Nossos monitoramentos (menciono 3 artigos nos anexos) mostram que a produção intelectual na área cresce exponencialmente, e que a proposta desenvolvida na UNICAMP sob a minha tutela, tornou-se o maior referente nacional.

É notório que contribuímos de modo significativo para a Unicamp tornar-se o maior polo acadêmico de pesquisa e desenvolvimento do circo no Brasil, *locus* da formação de artistas, pesquisadores, gestores e pedagog@s que se espalharam nacional e internacionalmente. Evidentemente, muit@ outr@os docentes e discentes da Unicamp participaram desse processo, no IA, FE, IEL, ..., e me alegro muito de ter estabelecido muitas parcerias na Unicamp para fortalecer ainda mais esse processo, com destaque para minha atuação junto ao LUME TEATRO, seja como membro do Conselho Científico ou como parceiro em muitas ações artísticas e acadêmicas.

² <https://antigo.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/Resolu%C3%A7%C3%A3o-11-IFRJ-Aprovar-AD-REFERENDUM-Curso-Tecnico-Arte-Circense-completo-1.pdf>

³ <https://www.fef.unicamp.br/fef/posgraduacao/gruposdepesquisa/circus/reportagens>

Deixo, para finalizar esse tópico, hiperlinks que mostram uma UNICAMP e, porque não, as universidades de modo geral, mais sensíveis e permeáveis ao circo, desejo que, como disse, segue conduzindo meus esforços.

- <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2015/03/09/seminario-faz-reflexao-sobre-o-circo-social-no-brasil>
- <https://www.oxigenio.comciencia.br/wp-content/uploads/2017/06/36-03-pauta-principal-circo-na-escola-programa-oxigenio.mp3>

2. Defesa da Escola Nacional de Circo, fortemente ameaçada pela atual política de estado

A importância da Escola Nacional de Circo (ENC-RJ), único curso reconhecido no Brasil na formação de artistas profissionais, é incontestável. Não obstante aos seus quase 40 anos de existência, a sua vinculação ao Governo Federal e a consagrada formação de uma legião de renomados artistas circenses internacionalmente reconhecidos, essa instituição vive sob ameaça!

A política implementada pelo atual governo federal, consagrou-se como um nefasta ameaça à saúde, educação, ciência e arte, afetando a sociedade como um todo e de modo ainda mais cruel, os entes públicos. Desse modo, a ENC, como a qual mantenho uma cooperação há mais de uma década, vive desde 2019 sua maior crise, a ponto de ter sua existência ameaçada.

Assim sendo, venho participando ativamente da mobilização em prol da ENC, tendo manifestado diretamente à Fundação Nacional das Artes (FUNARTE), à Coordenação Geral da escola, bem como sendo convidado para diversas ações que visam resistir e contribuir para a manutenção dessa entidade. Liderei/participei de diferentes manifestos, como esse que foi divulgado para a comunidade internacional⁴.

⁴ <https://circustalk.com/news/from-the-community-to-the-university-and-back-again-circus-research-in-brazil>

Cabe lembrar que consegui engajar nesse luta diversos discentes (atuais e egressos) da Unicamp, tendo ainda a ex-aluna Leonora Cardani (graduação e mestrado) como uma das lideranças, uma vez que é atualmente aluna da ENC e, por conseguinte, vem vivendo o drama do “apagamento” da entidade na pele. Eis algumas das ações que eu participei buscando angariar apoio para a ENC e reunir forças para confrontar a *despolítica* do governo com respeito à essa fundamental escola artística nacional.



Além disso, cabe indicar que reuni dois de meus orientados e publicamos numa das revistas mais importantes no campo das artes cênicas no Brasil, um artigo precisamente sobre o crescimento do setor, a relevância da ENC e a necessidade de preservá-la com as atuais características, que permitem que dezenas de jovens (a maioria provenientes de classes desfavorecidas) acessarem uma formação de qualidade e tornarem-se profissionais circenses qualificad@s. Do mesmo modo, aproveitei a oportunidade para publicar na

última edição do festival Internacional SESC de Circo (2021) – como parte do projeto Caligrafias, um artigo reforçando o que exponho anteriormente⁵.

3. Re-organização das políticas públicas e privadas de editais

Por anos tive a oportunidade de acompanhar as políticas públicas nacionais, com especial atenção àquelas dirigidas ao Circo. Consegui, com enorme dificuldade ser contemplado em alguns importantes editais (PROAC Gov. Estado de São Paulo; Prêmio Carequinha de Estímulo ao Circo/Gov. Federal, por exemplo). E, talvez o mais relevante, fui convidado como avaliador de diversos editais (municipais, estaduais e federais), conhecendo ainda melhor a lógica deles e os bastidores de esses processos.

Participei, paulatinamente, da curadoria de diversos festivais, como o Festival Mundial de Circo (BH), e do corpo de pareceristas/avaliadores de Concursos Internacionais como o *International CIRCUS AWARD* (Nova Iorque, 2021)⁶.

Essas múltiplas experiências possibilitaram um lugar privilegiado e de enorme responsabilidade. Por isso, militei de forma recorrente para aperfeiçoar os editais, visando um melhor e mais justa distribuição dos recursos, interiorização dos prêmios e maior diversidade nos projetos. Consegui, por exemplo, introduzir a impossibilidade de que um mesmo “cpf” possa estar em mais de 2 projetos do PROAC, de modo que mais profissionais acessem esse recurso nos diversos editais que fazem parte desse programa do estado de São Paulo.

⁵ BORTOLETO, M. A. C. The circus on the periphery of the brazilian university. In: SESC - São Paulo. (Org.). *Circos - Festival Internacional Sesc de Circo*. 1ed. São Paulo: SESC, 2016, v. 1, p. 24-31.

BORTOLETO, MAC. Entre a maçã do amor e os saltos mortais – a formação d@ artista circense brasileiro@. Projeto Grafias, SESC SP – Festival Internacional de Circo, 2021: <https://circos.sescsp.org.br/2021/08/30/grafias-circenses-publicacao-reune-artigos-sobre-a-linguagem-do-circo/>

BARRETO, M.; DUPRAT, RM, BORTOLETO, MAC. Mapeando as escolas de circo no Brasil. Revista Urdimento, UDESC, v2., 2021.

⁶ <https://www.cciac.us/ica>

Destaco, que esse engajamento possibilitou, ademais, que muitos dos editais privados e públicos incorporasse requerimentos específicos sobre “Segurança”, em grande medida devido as pesquisas que realizei, as publicações e ações junto a organismos como o Ministério da Cultura no âmbito do que denominei “cultura de segurança no circo” no único livro nacional sobre o tema⁷. Desse modo, companhias, artísticas e eventos circenses foram levados a incluir mais e melhores dispositivos de segurança, aspecto fundamental para a manutenção da carreira profissional, mas também da qualidade artística. Com isso, entendo estar ajudar a uma radical e relevante mudança nesse setor artístico.

4. Mobilização universitária e fortalecimento institucional

Entendo que o exposto anterior mostra de forma clara meu empenho em ampliar o olhar acadêmico com relação ao circo. Essa mobilização que combina pesquisa, ensino e extensão, tornou-se mais concreta e perene por meio de convênios oficiais firmados entre a Unicamp e diversas organizações circenses: Escola Nacional de Circo de Montreal (Canadá), ICA (Mogi Mirim-SP), Escola Castanheiras, FUNARTE (GOv. Federal), Prefeitura Franco Rocha.

Conseguimos tornar a UNICAMP um espaço respeitoso e acolhedor para inúmeras organizações, artistas populares, arte-educadores e agentes sociais, como Fatima Pontes (Escola Pernambucana de Circo), Emmanuel Bouchard (Cirque du Munde – Canadá), Maneco Maracá (Circo Lahetô – Goiânia), dentre tantos outros. Ajudei a criar oportunidades para muitos artistas circenses na Unicamp, como Marco Paoletti (Katakombe – Alemanha), Donald Lehn (EUA), Leticia Corso (Uruguay), Jesse Hampton (EUA), etc⁸.

⁷ FERREIRA, D.L; BORTOLETO, M A C; SILVA, E. Segurança no Circo: questão de prioridade. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2015.

⁸ Mais em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/ivsic/cabare>

O engajamento social desses anos alcançou também um enorme contingente de educadores que atuam em escolas⁹, ongs e universidades. De fato, muitos dos alunos que tive a alegria de formar e compartilhar trabalho na Unicamp hoje atuam como artistas, arte-educadores, gestores ou pesquisadores¹⁰.

Consegui, pela primeira vez na história, organizar as audições para a Escola Nacional de Circo em 2019 de forma externa, mais precisamente na Unicamp. Logrei trazer dois shows da ENC na Unicamp. Consegui atrair ademais inúmeros pesquisador@s das artes/circo, para nossa Unicamp, incluindo: Patrice Aubertin, Marion Cosin e Patrick Leroux (Canada); Mercê Mateu e Kiko León (Espanha); Tiago Maia (Portugal); Alisan Funk (EUA); Julieta Infantino (Argentina); Philippe Goudard (França); dentre outr@s.

Logrei também lecionar circo para dois grupos do programa UniverIDADE, mostrando que a prática do circo é para todas as idades. Assim, a arte e a educação popular (social e transformadora) tornaram-se comuns na minha unidade (FEF) e em tantos outros espaços que frequentamos na Unicamp, em Campinas e em tantas outras cidades brasileiras.

A arte – o circo – inundou minha ação e de todos que me acompanham, por isso, julgo ter construído uma ação pertinente ao prêmio ao qual apresente esse memorial. Mesmo tomado pela incerteza, pelo medo, como o que experimenta o artista funambulista que atravessa uma cabo de aço estendido a mais de 7 metros de altura, essas páginas materializam de forma resumida uma luta que se inspira nas fortes e necessárias palavras de Manuel de Barros, quando disse “repetir, repetir, até fazer diferente”. Ou talvez, permita-me o grande Manuel, “até fazer a diferença!”.

⁹ <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/652/o-circo-chega-escolas>
<https://novaescola.org.br/conteudo/1995/o-circo-que-inclui-todos-na-educacao-fisica>

¹⁰ Para citar alguns: Daniel Lopes e Gilson Rodrigues (arte-educadores - ICA); Rodrigo Mallet (artista/gestor – Escola de Circo Basileu – Goiânia); Teresa Ontañon (docente UEMG); Marcio Parma, Tiago Sales, Leonora Cardani (artistas circenses); Daniela Calça e Diego Ferreira (proprietários de escolas de circo).

Prática Pedagógica

O circo que inclui todos na Educação Física

Fernanda Pedrosa de Paula trabalhou as práticas circenses e ampliou o repertório da turma, com o cuidado de garantir a inclusão de todos os alunos

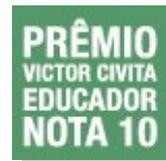
Bruna Nicolielo



Malabares A primeira técnica estudada foi a manipulação. A turma aprendeu a lidar com diferentes objetos, como o tule, além de lenços e bambolês.

O desejo de romper com práticas tradicionais foi uma das motivações de Fernanda Pedrosa de Paula ao introduzir o circo nas aulas de Educação Física. Ela iniciou o planejamento das turmas de 4º e 5º anos da EM José de Calasanz, em Belo Horizonte, com dois objetivos: ampliar o repertório de práticas da cultura corporal da garotada para além dos esportes coletivos e propor algo que representasse um desafio tanto para ela como para seus alunos, acostumados apenas a jogos de quadra.

"Recorri, então, a memórias de infância e tive a ideia de explorar as modalidades circenses", diz a professora.



A proposta está em sintonia com as orientações mais recentes para o ensino da disciplina. A perspectiva atual valoriza práticas corporais ditas não convencionais. Em síntese, o que importa é propiciar o contato com manifestações diversas e ensinar a importância do trabalho em equipe e da convivência com diferentes pessoas - aspectos que foram contemplados no trabalho de Fernanda, a grande vencedora do Prêmio Victor Civita - Educador Nota 10.

Graças a essas características, o projeto é um bom exemplo de que é possível

desenvolver um tema como o circo sem necessariamente ser especialista no assunto. "O trabalho pode servir de referência para educadores de todo o Brasil interessados no mesmo conteúdo", afirma Fábio D' Ângelo, selecionador do Prêmio Victor Civita - Educador Nota 10.

A professora deu início ao planejamento com uma pesquisa. Como não tinha vivência anterior com atividades circenses, Fernanda fez buscas na internet, leu artigos científicos e livros de referência, consultou fontes teóricas e assistiu a práticas registradas em vídeo. Só depois de ter mergulhado nesse universo, veio o momento de selecionar as modalidades que iria apresentar à garotada.

Para fazer a seleção, ela se baseou em uma premissa: não pretendia formar exímios artistas, mas propiciar o contato com práticas corporais da cultura circense. "Atividades simples e que não demandam conhecimentos técnicos dos professores são um bom começo nesse caso", afirma Marco Antônio Bortoleto, professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenador do Circus - Grupo de Estudos e Pesquisa das Artes Circenses, da mesma instituição.

Outro ponto a ser considerado: para que o projeto tivesse êxito, a realização dele tinha de ser viável no ambiente escolar. Por isso, as atividades deveriam exigir apenas materiais já existentes na escola ou que pudessem ser adaptados. Assim, ela optou por trabalhar com três eixos: manipulações, acrobacias e equilíbrio (*leia o quadro abaixo*). Depois disso, foi a vez de ajustar as modalidades escolhidas. Fernanda elaborou adaptações com o intuito de criar e explorar novas formas de realizar os movimentos tradicionais de modo a torná-los acessíveis aos alunos.

Modalidades acessíveis

Conheça práticas que podem ser facilmente executadas na escola

Manipulações

Exercício Malabares.

O que usar Balões de ar, bolas de meia ou feitas com jornal e fita crepe, lenços (ou pedaços de tecido) e arcos (bambolês).

Desenvolve Agilidade e coordenação motora.

Acrobacias

Exercícios Corda, estrela, cambalhota, rolamento e parada de mão.

O que usar Corda e colchonetes para amortecer o impacto das quedas e dar segurança.

Desenvolve Força e resistência musculares.

Equilíbrio

Exercícios Tambor e perna de pau.

O que usar Latões e latas de leite em pó com um furo de cada lado, por onde passa uma corda de náilon.

Desenvolve Equilíbrio e coordenação motora.

Consultoria Fernanda Pedrosa de Paula e Cristiane Cassoni

Pesquisa histórica como ponto de partida

Em classe, Fernanda propôs uma conversa inicial para saber o que os estudantes conheciam sobre o circo. Ao identificar que boa parte deles o associava apenas a palhaços e domadores de animais, ela percebeu a importância de apresentar mais práticas circenses, como as acrobacias e as manipulações. Esse primeiro momento serviu para que ela revisse alguns pontos do planejamento e o adaptasse em função das necessidades e dos interesses da garotada.

Uma pesquisa orientada na sala de informática da escola se seguiu a essa primeira etapa. Lá, a turma buscou informações sobre as modalidades circenses e sua história. Em seguida, Fernanda exibiu trechos de espetáculos da companhia canadense Cirque du Soleil (disponível em locadoras e no YouTube) que mostravam as manifestações a serem trabalhadas nas aulas. "Ao propor a pesquisa e a exibição dos vídeos, pretendia ajudar a turma a se aproximar do circo e conhecer sua evolução."

Só então teve início a experimentação das práticas. As aulas seguiam sempre a mesma sequência: numa roda de conversa, a docente expunha seus objetivos e explicava o movimento. Em seguida, a turma executava a modalidade apresentada. Ela circulava e indicava a necessidade de adaptações nos movimentos, e quem não conseguia realizá-los recebia ajuda. Por fim, em uma nova roda de conversa, a turma fazia um balanço do que havia aprendido.

Exercícios cada vez mais difíceis



É hora da cambalhota O movimento era

combinado com estrela e carrinho de mão nos circuitos feitos ao longo do projeto. O objetivo da atividade foi consolidar os conteúdos.



Malabares para todos Bolinhas de diferentes tipos foram usadas nos treinos de manipulação. O cadeirante Victor usou um balão de ar preso a seu punho com barbante.

Durante as aulas, Fernanda valorizava a participação de todos - como os mais e os menos habilitados, os mais fortes e os mais fracos - de acordo com as possibilidades de cada um. Outra preocupação constante foi incluir as crianças com necessidades educacionais especiais (NEEs) - quatro alunos, entre 9 e 11 anos, com sequelas de hidrocefalia, paralisia cerebral e distrofia muscular progressiva.

A docente, que é pós-graduada em Atividade Física para Pessoas com Deficiência pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), costuma buscar informações sobre inclusão para amparar sua prática. Esse estudo permitiu a ela realizar boas intervenções, um destaque do trabalho. "Quando um projeto é bem planejado, ele naturalmente inclui todos os estudantes, inclusive os com NEEs", explica Daniela Alonso, selecionadora do Prêmio Victor Civita - Educador Nota 10. Levando em consideração o grau crescente de dificuldade e as características de todos os alunos, Fernanda definiu a ordem das atividades e a melhor forma de propô-las dentro dos três eixos.

- **Manipulação** O tecido tradicionalmente usado em atividades de manipulação foi substituído por tule, bem mais leve. Em outro momento, bolinhas de diferentes pesos e tamanhos foram usadas nos treinos com malabares. As crianças começaram com apenas uma, aumentando progressivamente o número delas durante o projeto. Enquanto isso, Victor Pereira, 12 anos, que tem distrofia muscular, manipulava um balão de ar preso a seu punho com barbante.

- **Acrobacias** Diante da impossibilidade de realizar exercícios na corda

bamba, todos pularam corda. Daniel Rodrigues, 11 anos, que tem sequelas de hidrocefalia e é cadeirante, passou por baixo da corda quando ela era batida no ar três vezes (*leia sobre essa adaptação no quadro abaixo*). Em seguida, os exercícios de parada de mão foram feitos próximos à parede da quadra, que era usada como apoio pela turma. Aos poucos, todos foram abandonando o apoio e ganhando autonomia para arriscar outras manobras acrobáticas, como a estrela. Os cadeirantes não puderam participar das modalidades que envolviam saltos. Enquanto a turma fazia esse tipo de exercício, eles treinavam outras habilidades, como a corda, ou retomavam conteúdos das aulas anteriores, como a manipulação. Assim, cada um aprendia a seu tempo.

- **Equilíbrio** Os alunos andavam sobre o tambor com a supervisão de Fernanda, que ia na frente apoiando cada um. Já os cadeirantes deitavam sobre ele para experimentar as possibilidades oferecidas por esse aparelho.

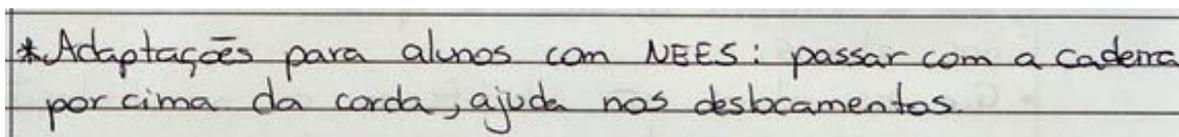
Com o objetivo de retomar e consolidar os conteúdos já vistos, dois circuitos com atividades mescladas foram intercalados entre os exercícios de cada modalidade. No mínimo três práticas eram misturadas entre si (carrinho de mão, cambalhota e estrela, por exemplo). "Além disso, esse trabalho é fundamental para planejar ações individualizadas, pois permite observar as dificuldades e os medos das crianças. O ideal é misturar até dez modalidades em cada circuito", afirma Cristiane Cassoni, docente do curso de Educação Física das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e diretora da Acrobacia e Arte - Casa do Circo, ambas em São Paulo.

Novamente, todos participaram. Nos circuitos, as cadeiras de roda serviam de apoio para os pés dos colegas no carrinho de mão. Os cadeirantes também vivenciaram o contato com a bola, enquanto os demais a usavam como apoio para cambalhotas.

Para aprofundar o trabalho com essas modalidades, os especialistas sugerem duas alternativas: contar aos alunos a história do circo e convidar um profissional dessa área para conversar com eles. O artista pode apresentar sua experiência, suas técnicas e os procedimentos típicos dessa arte. "Assim, todos observarão que o que estão aprendendo tem pontos de contato com a prática real", afirma Bortoleto. Em ambos os casos, a intermediação do educador é fundamental. "Nada de deixar a turma solta", diz Cristiane. Tudo depende dos objetivos do trabalho e o professor deve ser responsável por realizar a aproximação pedagógica dessa atividade, de acordo com seu planejamento. "Na prática, isso significa, por exemplo, mediar o debate entre o artista e a turma e fazer adaptações da modalidade apresentada por ele, que pode ser bem mais elaborada do que o que foi visto em sala", completa ela.

Rotina de registros

Em seu diário de classe, Fernanda refletia sobre as flexibilizações realizadas, fazia ajustes em seu planejamento e definia os próximos passos do trabalho



*Adaptações para alunos com NEES: passar com a cadeira por cima da corda, ajuda nos deslocamentos.

Depois de cada aula, Fernanda escrevia sobre as atividades realizadas e planejava as próximas etapas. As flexibilizações também eram anotadas, bem como as dificuldades surgidas. Os resultados das discussões nas rodas de conversa também tinham destaque. Nesses momentos de debate, a professora valorizava a construção coletiva do trabalho. Todos podiam opinar e sugerir mudanças e adaptações. Em algumas ocasiões, esses debates geraram soluções alternativas que foram registradas no diário da professora e retomadas em outros momentos do projeto. Um exemplo foi a sugestão dada pela turma diante de um desafio colocado por ela: o que fazer para que os alunos cadeirantes participassem das atividades que envolviam a tarefa de pular corda? A turma deu a ideia de bater a corda três vezes no chão e três vezes no ar. Assim, o colega teria tempo suficiente para atravessá-la com sua cadeira de rodas, passando por baixo enquanto ela estivesse no alto. "Achava que não ia passar, mas consegui!", diz Daniel Rodrigues, 11 anos, sorrindo. O procedimento de registro adotado por Fernanda sugere sua preocupação em sistematizar cada ação. Também mostra uma prática docente que valoriza as interações entre os estudantes e incentiva a participação deles na tomada de decisões. Ao fim do projeto, o diário também ajudou na avaliação de todo o percurso. "Analisando essas anotações, notei que poderia aprimorá-lo se o realizasse novamente", diz Fernanda.

Um universo de novas aprendizagens



Contato com bola Enquanto a turma usava esse material para dar cambalhotas, Daniel experimentava rolar sobre ele com a ajuda da professora.

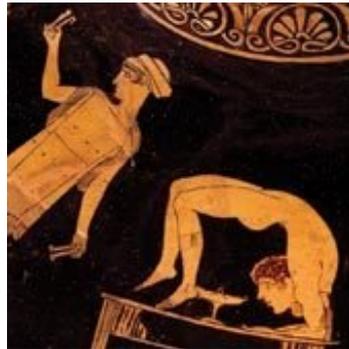
Ao fim do trabalho, a turma toda realizou uma apresentação para a comunidade escolar. Nesse momento, ficou claro que tinha avançado em seu conhecimento, passando por uma série de novas aprendizagens graças à pesquisa e à prática de modalidades circenses diversas. "As crianças desenvolveram novas habilidades motoras", comemora Fernanda. Elas também conquistaram mais força, agilidade e equilíbrio. Aprenderam atitudes de cooperação e respeito pelo outro e de auto-conhecimento sobre suas potencialidades e suas limitações. "O projeto valorizou as



Manobras acrobáticas Depois de treinar paradas de mão usando a parede da quadra como apoio, a criança ganhou confiança para fazer estrelas.

aulas como um espaço voltado a uma prática corporal da qual todos podem participar, independente de sua condição", avalia D'Ângelo. Além disso, a garotada entendeu que o circo é uma manifestação cultural que vai muito além dos antigos espetáculos com palhaços e animais, como supunha no início.

A história do circo



As primeiras manifestações circenses de que se tem notícia foram registradas há mais de 3 mil anos em pinturas encontradas na China. Elas

retratavam acrobatas, contorcionistas e equilibristas. Registros do gênero também foram localizados no Egito, na Índia e na Grécia antiga. Algumas modalidades, como as acrobacias, chegaram a ser incluídas em jogos olímpicos disputados na Antiguidade. Os espetáculos gregos foram levados para Roma, onde integraram o regime de entretenimento implantado pelos governantes, que ficou conhecido como "política do pão e circo". Eles eram apresentados em anfiteatros e despertavam grande interesse do público. O declínio do Império Romano levou à diminuição do interesse da população por apresentações dessa natureza. Os artistas viram-se obrigados a perambular por ruas, praças, feiras e outros locais com concentração de pessoas, apresentando números de equilibrismo e mímica, entre outros. Nasceram assim os saltimbancos. Já na Idade Média, com a religiosidade crescente, eles passaram a ser discriminados. Surgiu, então, a necessidade de rumar de cidade em cidade à procura de oportunidades. No século 17, começaram a se apresentar em barracas cobertas por lonas, que funcionavam como palcos improvisados. Na Inglaterra do século 18, nasceu o circo de picadeiro circular que conhecemos hoje. Exibições de cavalos eram alternadas a números de palhaços e malabarismo. Leões, serpentes e elefantes eram uma grande atração na época, assim como apresentações de anões e mulheres barbadas. Isso prevaleceu até meados do século 20, quando, progressivamente, as antigas atrações foram sendo substituídas por modalidades que privilegiam outras formas de expressão artística, como a dança e o teatro.

Já foi

Unicamp realiza evento sobre inovação e criatividade no circo com diversas atividades e espetáculos gratuitos

Compartilhe

O **IV Seminário de Circo 2018** será realizado pela **Unicamp**, em **Campinas**, entre 14 e 16 de dezembro e contará com a participação de pesquisadores e artistas nacionais e internacionais. Na programação, cabarés artísticos diários terão entrada gratuita para o grande público.

O circo, em qualquer época, sempre foi (re)conhecido pela reinvenção de suas práticas. Para promover um amplo debate sobre os modos de existência (e resistência!) das artes circenses na atualidade, o Circus-FEF/Unicamp (Grupo de Estudos e Pesquisas das Artes Circenses da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas) reunirá pesquisadores e artistas nacionais e internacionais (Uruguai, Canadá e França). Em sua quarta edição, o seminário terá “inovação e criatividade” como tema norteador das discussões.

Vários espaços de Barão Geraldo abrigarão a vasta programação do evento, composta por conferências, palestras, cursos e intervenções artísticas. Uma novidade desta edição do seminário são os cabarés artísticos, que ocorrerão em todas as noites e terão entrada gratuita. Lua Barreto, educadora física e pesquisadora do Circus-FEF/Unicamp, destaca a importância da iniciativa. “Promover o intercâmbio entre os artistas e participantes do seminário, tanto por meio da convivência nos bastidores quanto da fruição da apresentação artística por parte dos seminaristas e do público em geral”, ressalta.

Uma das responsáveis pela montagem da programação dos cabarés, que ocorreu diante de uma criteriosa seleção, Barreto aposta na ampla diversidade dos números como um grande atrativo dos cabarés. “O roteiro é completamente diferente a cada dia. Como os apresentadores são bastante participativos, cada cabaré terá, também, um estilo muito diferente”, afirma. Farão parte do elenco

diversos malabaristas, acrobatas e palhaços. A apresentação ficará por conta dos mestres de cerimônia DJ Digão, Palhaça Rubra e Cia. Los Circo Los.

Um encontro espetacular

Virginia Alonso e Fátima Pontes estão entre os 19 palestrantes do IV Seminário de Circo 2018, que se juntarão a mais de 200 participantes inscritos, entre artistas e pesquisadores. Estão previstas 30 performances artísticas e 73 apresentações de resultados de estudos e relatos. A expectativa é a de que a convivência entre pessoas de distintas regiões geográficas, assim como de diversas formações artísticas e acadêmicas, seja uma motivação para a troca de experiências e conhecimento sobre as artes circenses no mundo, favorecendo a valorização do circo para além de seu caráter de entretenimento. “Esperamos que a Unicamp e outras universidades, por meio de seus representantes no evento, percebam o potencial do circo e a necessidade de se investir mais e mais nessa arte secular, dando-lhe mais espaço e protagonismo acadêmico”, destaca Marco Bortoleto.

Serviço:

IV Seminário de Circo 2018

Locais de realização em Barão Geraldo – na Unicamp: Casa do Lago; Praça da Paz, Ginásio da FEF; LABFEF/ fora do campus: Centro Cultural Casarão; Cia. do Circo e Jardim Aéreo.

A programação completa [pode ser conferida neste link](#)

Horário: entre 8h e 22h

Preço: A participação de conferências, palestras, cursos e algumas das intervenções artísticas requer inscrição prévia mediante pagamento de taxa. Os cabarés artísticos são abertos ao público em geral, com entrada gratuita (contribuições voluntárias serão recebidas “no chapéu”)

Programe-se

12/11 a 13/11

Murilo Couto e “Comédia ao Vivo” levam humor para o teatro Oficina do Estudante Iguatemi Campinas no fim de semana

27/11

Arena Multishow é inaugurada em Campinas, no Guarani, com show de Gal Costa



Você está em

Circo da Alegria participa de Seminário Internacional de Arte Circense
[Mapa do site](#) | [Fale com o Governo](#)

[CIDADÃO](#) | [EMPRESA](#) | [CIDADE](#) | [PORTAL DA TRANSPARÊNCIA](#) | [OUVIDORIA](#) | [LEGISLAÇÃO](#)

[Home \(/\)](#) | [Circo da Alegria participa de Seminário Internacional de Arte Circense](#)

21 de Fevereiro de 2014 at 13:11h

CIRCO DA ALEGRIA PARTICIPA DE SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARTE CIRCENSE



Os servidores municipais do Circo da Alegria e da Escola Municipal Anita Garibaldi participam, no dia 23 de fevereiro, do Seminário Internacional de Arte Circense e Educação Física, que acontecerá na Unicamp, em Campinas, São Paulo. O evento será coordenado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa das Artes Circenses (CIRCUS), que está sob direção dos professores Doutor Marco Antônio Coelho Bortoleto e Doutora Ermínia Silva. Da Anita Garibaldi serão dois representantes, a diretora Claudia Arruda Schons e a coordenadora Joeli Acioli. Do Circo da Alegria irão à Campinas os servidores Tania Piazzetta, Dado Guerra, Ademir Lung, Paula Bombonato e Tatiana Guzzo.

Os sete participantes terão a oportunidade de tomar parte de atividades paralelas, como a troca de experiência e intercâmbio com o Grupo Circus/Unicamp, membros da Rede Latino-americana de Escola de Circo. Além de realizar visita técnica ao projeto social ICA (de Mogi Mirim), hoje uma grande referência em projeto de circo social no Brasil e membro da Rede Circo do Mundo. A diretora Claudia Schons ressaltou a importância da participação no seminário, já que a Escola está propondo, em sua grade curricular, a disciplina em arte circense. “Queremos proporcionar a todos os nossos alunos o conhecimento e a oportunidade de entrarem em contato com as artes do circo de forma lúdica e prazerosa”.

A coordenadora do Circo da Alegria, Tania Piazzeta, pontuou que é uma oportunidade única a participação em um evento como este. “Para nós é de grande importância porque as discussões serão voltadas para cunhos pedagógicos e com experiências acadêmicas desenvolvidas dentro de escolas e projetos sociais como o nosso. Não podemos mais ficar no anonimato, temos que participar de eventos com essa envergadura para buscarmos novas experiências e também compartilhar o que fazemos aqui em Toledo”.

Tania ainda agradeceu a Secretaria Municipal de Educação, que sempre apoiou o projeto do Circo no município. “Quero ainda agradecer imensamente, em nome de toda nossa equipe, a Secretaria Municipal de Educação (SMED), que não mediu esforços para viabilizar nossa ida à Campinas possibilitando o aperfeiçoamento de toda a equipe o que com certeza fará muita diferença em nossa atuação pedagógica”.

Outros participantes do Seminário Internacional

Grandes nomes na pesquisa em arte circense também estarão presentes em Campinas. Alguns deles são Mercê Mateu, doutora pela Universidad de Barcelona, atualmente docente no INEFC (Institut Nacional d'Eduació Física de Catalunya) e no Institut del Teatre de Barcelona; Junior Perin (Brasil), ativista, empreendedor e produtor cultural, além de fundador e coordenador

Circo da Alegria participa de Seminário Internacional de Arte Circense | Portal do Município de Toledo - Paraná
executivo do Circo Crescer e Viver; Julieta Infantino, da Argentina, doutora pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires; e Marcos Teixeira, coordenador de circo da Fundação Nacional das Artes (FUNARTE) – Ministério da Cultura e diretor da Escola Nacional de Circo, do Rio de Janeiro.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE TOLEDO - PR

Rua Raimundo Leonardi, 1586
CEP 85900-110 - (45) 3055-8800



Seminário faz reflexão sobre o Circo Social no Brasil

| 09/03/2015 - 16:00

Text: Manuel Alves Filho

Images: Antoninho Perri

Images Editor: Paulo José Cavalheri Luis Paulo Silva

Artistas, educadores, pesquisadores e estudantes participaram na tarde desta segunda-feira do seminário “A evolução, mudanças e desafios do Circo Social na América Latina nos últimos 10 anos e sua interface com as artes circenses”, realizado no auditório da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp. O evento, promovido pela Rede Circo do Mundo Brasil, contou com a parceria do Grupo Circus (Unicamp) e o apoio do Cirque du Soleil. O encontro acadêmico abriu uma série de atividades, que terá sequência até o dia 14. Entre elas, a realização de oficinas para a formação de educadores e coordenadores pedagógicos regionais, a partir da ótica do Circo Social.

De acordo com o professor da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp e coordenador do Grupo Circus, Marco Bortoleto, o objetivo do seminário é aprofundar a discussão em torno do Circo Social. “Nossa expectativa é que a ciência brasileira passe a dar maior relevância ao tema. Existem estudos sobre o Circo Social no país, mas eles ainda são marginais”, explica. Bortoleto destacou que a partir desta terça-feira (10), serão realizadas oficinas voltadas para educadores e coordenadores pedagógicos.





em prol de jovens de classes populares: Escola Pernambuco
Minha e FASE. Atualmente, a Rede é composta por 18 instituições, espalhadas pelas regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Nordeste.

